



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12597 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA PELO JORNAL NORTE-RIO-GRANDENSE O ÍRIS (1875-1876)

Marliane Porfírio da Silva - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Kilza Fernanda Moreira de Viveiros - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FEMININA PELO JORNAL NORTE-RIO-GRANDENSE O ÍRIS (1875-1876)

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se fundamenta pela análise documental em torno da educação feminina por meio do jornal O Iris: Periódico Bi-Mensal dedicado ao Sexo Feminino (1875-1876), veiculado no município de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, tendo como objetivo analisar as representações sobre a educação da mulher oitocentista, traçando um breve panorama do que se veiculava na imprensa sobre os espaços que se destinavam as mulheres.

O suporte teórico-metodológico desta pesquisa se firma na perspectiva da História Cultural, para que dessa forma nos possibilite caminhar por outros olhares, transcendendo o conteúdo presente nas fontes de publicações oficiais do período. O acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foi o recurso encontrado para dar subsídio necessário ao desenvolvimento desta pesquisa.

Buscamos também apoio na análise bibliográfica dos escritos de (CHARTIER 2002), MORAIS (1996), (PERROT, 2005) e PRIORE (2004) para fundamentar as discussões, que nos fazer compreender e dialogar sobre como as representações acerca da educação feminina circulavam na sociedade oitocentista, problematizando e evidenciando os avanços e retrocessos que sempre fizeram parte da história das mulheres, principalmente sua introdução

no mundo das letras.

2 DESENVOLVIMENTO

O século XIX foi um período atravessado pela divisão de espaço entre o sexo masculino e feminino, delimitando assim as mulheres para o espaço privado e aos homens o espaço público, que consequentemente desencadeou práticas hierárquicas, intensificando assim a desigualdade de gênero, que é um fator que demarca não só a história da sociedade brasileira, mas que também perpassa por outras sociedades e culturas.

A ideia de que a natureza das mulheres as destine ao silêncio e à obscuridade está profundamente arraigada em nossas culturas. Restritas ao espaço privado, no melhor dos casos ao espaço dos salões mundanos, as mulheres permanecem durante muito tempo excluídas da palavra pública. (PERROT, 1998, p. 59)

É perante esses questionamentos que a pesquisa toma forma, e que conseguimos criar um diálogo vivido sobre todo o imaginário que formava parte do ser feminino e de que maneira essas mulheres caminharam pelos espaços privados e públicos.

Nesse período não havia interesse nas famílias brasileiras para que se educassem as meninas, existiam poucos locais destinados à educação feminina, e sua instrução seria voltada para noções da língua portuguesa, um pouco da aritmética, destacando-se assim os trabalhos manuais. Priore (2016) afirma que alguns viajantes, como exemplo John Mawe, que chegavam em terras brasileiras teciam críticas sobre o estado de ignorância em que se encontravam as mulheres, visto que em outros países a diferença entre os gêneros quase não mais existia. Segundo John Mawe, existia uma superficialidade de conhecimento no que se direcionava a educação das mulheres:

Segundo esse observador, ocupavam-se de trabalhos leves que nada tinham a ver com o que aprendiam na escola. Ao contrário, a instrução era perigosa pois poderia colocar em risco o esquema de controle sobre esposas e filhas. Era melhor que seu apetite intelectual deixasse a desejar; não deveriam dedicar-se a leitura, nem precisavam escrever, porque “poderiam fazer mal uso da arte.” (PRIORE, 2016, p. 288, aspas da autora).

Durante boa parte do século XIX, se propagou a imagem da mulher construída através do imaginário masculino, que determinavam que o saber não poderia fazer parte da história feminina. Como firma Perrot (2018):

Essa exclusão das mulheres pouco condiz com a Declaração dos Direitos do Homem, que proclamam a igualdade entre todos os indivíduos. As mulheres não seriam “indivíduos”? A questão é embaraçosa: muitos pensadores – como Condorcet, por exemplo – presentiram-na. Única justificativa: argumentar sobre a diferença dos sexos. É por isso que um velho discurso retoma no século XIX um novo vigor, apoiando-se nas descobertas da medicina e da biologia. É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas “espécies” com qualidades e aptidões

particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.

Porém aos poucos se nota que a educação é uma possibilidade para a vida feminina, em meados do século XIX, em meio a avanços como industrialização e urbanização é que a ideia de civilização adentra o espaço brasileiro e coloca a mulher como responsável por este processo, a mulher que já tinha a função de educar os filhos, agora também teria a responsabilidade de educar a sociedade.

A formação da mulher estava embasada em um modelo idealizado de filha, mãe, esposa, moralmente digna, com condições intelectuais para contribuir de modo efetivo na ordenação social, a partir do cuidado em princípios de liberdade, individualismo, ordem e superação. Além das disciplinas notadamente escolares, os preceitos morais e cristãos, as prendas domésticas, as linguas valorizavam o papel do sexo feminino na família e na sociedade. (PINHEIRO, 2009, p. 56)

Esse momento demarca as movimentações femininas pela instrução das primeiras letras, apesar de como Almeida (1998) define que o fim último da educação era preparar a mulher para atuar no espaço doméstico e incumbir-se do cuidado com o marido e os filhos, não se cogitando que pudesse desempenhar uma profissão assalariada.

Em meados do século XIX, a partir de movimentações a favor de maior instrução feminina é que algumas mulheres tiveram acesso à literatura e práticas pedagógicas, defenderam seu trabalho contra intervenções externas e aos poucos começaram a ingressar nos espaços públicos fora do âmbito escolar, como por exemplo: os jornais e revistas, mesmo que de forma sutil, ainda conseguiram ser grandes aliados na propagação de outros movimentos em torno do espaço feminino.

“O GÊNIO NÃO TEM SEXO”

O século XIX é marcado por mudanças, pela agitação social e política, desta forma compreendemos que o estudo pelo impresso pode nos viabilizar informações do cotidiano da sociedade; sabendo também que a imprensa se consolida nessa época como o meio de comunicação mais rápida e com menor custo. Ela atua de forma pedagógica, como uma potente formadora de opinião pública, servindo como recurso político e moral sobre a vida de mulheres e homens que formavam parte do corpo social oitocentista.

O jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de idéias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre as sociedades, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas (CAPELATO, 1988, p. 21).

No meio desse campo de estrutura social e política que permeou o período oitocentista, a imprensa tem grande influência no que demarca o surgimento da mulher na vida pública; os impressos foram os meios de maior comunicação rápida para a época e assim

esse campo começou a ganhar forma na sociedade:

Os escritores utilizavam-se da imprensa desde o início da sua criação. Artigos, panfletos, crônicas, folhetins, notícias de modas e variedades, comentários sobre publicações de livros, cartas ao leitor, notícias políticas, eram as armas que utilizavam na conquista ao público. A própria estrutura do jornal dirigia-se pela maneira como os escritores e editores julgavam ser o da clientela que buscavam. Tal prática contribuía não apenas para que se estreitassem os laços entre a literatura e o jornalismo, como também, se especificasse o campo literário, entendido como um campo de forças e um campo de lutas cuja finalidade é transformar ou conservar a relação de forças estabelecidas. (MORAIS, 1996, p. 80)

Os potiguares, intelectuais e entusiasmados buscavam reorganizar a política local para se adequar ao modelo civilizatório, alinhando-se a democracia burguesa, com a percepção de mundo que já caminhava com a nova estrutura política.

Assim é que, o grande veículo do espírito moderno, o jornal, nas palavras de Machado de Assis, na verdade se constituía como um importante suporte de leitura e como um elemento fundamental na constituição da leitora. [...] arrisca-se a afirmação de que uma das preocupações dos editores e colaboradores dos jornais era a formação de um público leitor feminino na segunda metade do século XIX. (MORAIS, 1996, p 80)

Por meio dos registros do jornal, é possível observar um outro possível olhar sob as ideias em torno da conduta feminina. Mesmo diante de tantos impedimentos, o país contou com a produção de periódicos, como no caso, *O Íris*, para que a circulação de ideias sobre a educação feminina fosse difundida.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 2002, p. 17)

Na página inicial do periódico, supracitado, notamos a frase “O gênio não tem sexo” de Madame de Stael (1776-1817), o que nos chama atenção para analisar de forma mais profunda o que esse trecho pode significar perante os aspectos referentes ao tempo histórico, a influência francesa no Brasil e ao ideário de educação feminina disseminada por meio dos impressos da época.

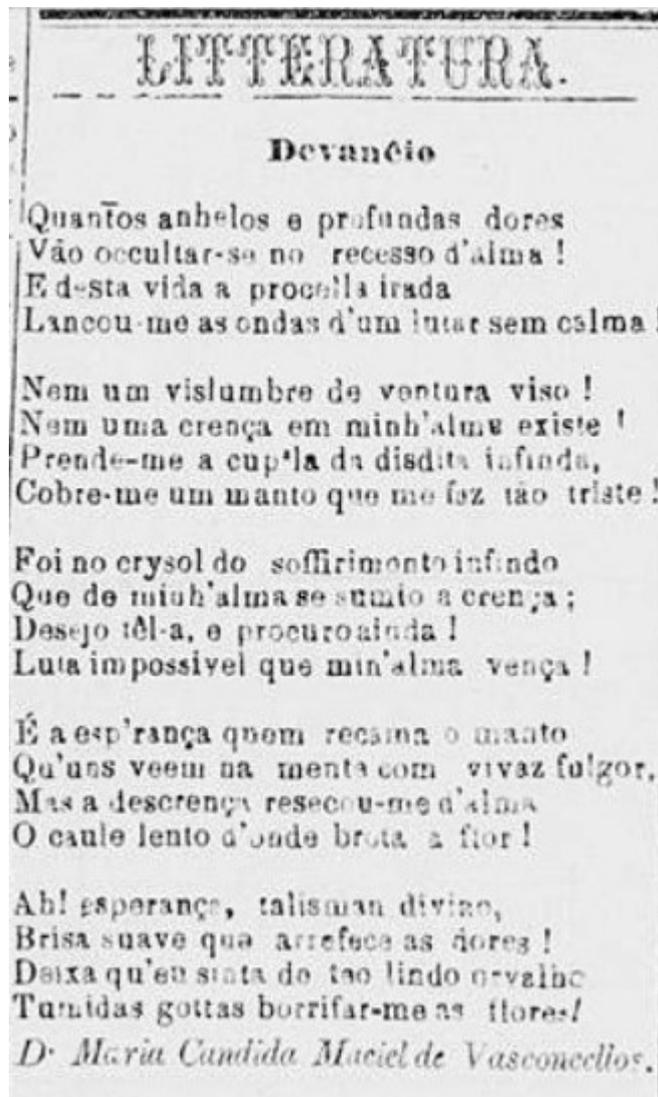
O jornal propagava que a mulher também deveria fazer parte dos avanços sociais, que a partir de sua emancipação, poderia contribuir de forma atuante para o progresso que estava em movimento no século XIX, como podemos ver na edição 00007, em 1875, quando o periódico *O Íris* publica:

A reivindicação dos direitos políticos da mulher já hoje não é mais um facto imaginário, utópico; não, hoje é um facto que ocupa a atenção da sociedade e que se discute com afan na pugna científica. Nobilitar hoje a mulher é o grande ponto convergente das disputas sociaes e será a grande obra que erguerá muito a humanidade. A sociedade precisa da mulher, e

precisa muito, sem ella não pode existir e sem que lhe restitua todos os seus direitos não pode conquistar a terra almejada. É um axioma que o homem estúpido é o que mais rebaixa a mulher e tenta roubar-lhe todos os direitos; quando pois esta camada da sociedade que tacteia nas trevas da estupidez tiver minguido consideravelmente a mulher será mais bem julgada. Eduque-se bem a sociedade e a mulher subirá ao seu trono e empunhará seu sceptro tão vilmente usurpado.

Em suas páginas encontramos texto de autoria feminina, na sessão literária, há um conto intitulado “As duas amigas, Flora e Adelina”, assinado por D. Joanna Augusta M. de Vasconcelos, e D. Maria Candida Maciel de Vasconcelos, textos que abordam sobre o cotidiano feminino, mostrando assim o lado de entretenimento do jornal.

Figura 1’: Trecho do jornal *O Íris: periódico bi-mensal dedicado ao sexo feminino*



Fonte: Biblioteca Nacional Digital

No ano de 1876, em sua primeira página retrata sobre o atraso que o Rio Grande do Norte se encontra, faz crítica sobre a falta de educação, e diz que apesar do jornal ser um meio de avanço para a sociedade, através de circulação de ideias, ele ainda não pode se responsabilizar pela consolidação do seu progresso.

Figura 2: Trecho do jornal *O Íris: periódico bi-mensal dedicado ao sexo feminino*

A imprensa que serve de órgão de idéas exclusivistas não pode ser elemento sufficiente de progresso.

Em nossa provincia nunca appareceu um órgão de seus interesses, dedicado exclusivamente a causa do progresso.

Era uma necessidade paipitante e bem difficil de satisfazer.

O *Iris* hoje toma a seu cargo o desempenho de tão ardua tarefa e empenha-se na luta, em prol dos interesses da provincia.

Indifferente completamente ao degladiar infructifero da politica e a questões pessoaes, encarrega-se o *Iris* de defender os interesses provinciaes.

Adoptando o antigo programma—da emancipação da mulher, empenha-se geralmente pela melhora de nossa sociedade.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Apesar do país estar, na época, com uma alta taxa de analfabetismo, as mulheres, por um longo período, eram excluídas do espaço educacional, e resguardadas ao espaço do lar e seus afazeres domésticos. Mesmo diante de tantos impedimentos, o país contou com a produção de periódicos, como no caso citado, *O Íris*, para que a circulação de práticas educacionais femininas fosse disseminada na sociedade.

Os acontecimentos políticos e sociais ocorridos em todo o país tomavam fôlego e se propagam principalmente através dos jornais, um instrumento de divulgação de ideias escritas que faziam emergir a necessidade de um público apto na habilidade da leitura. “O grande veículo do espírito moderno era o próprio jornal, esse ‘novo animal’ que se fortalecia no século XIX, contribuindo fartamente para a consolidação da sociedade letrada” (MORAIS, 2002, p. 45). O jornal exaltava e estimulava a habilidade da leitura. Assim a imprensa, por sua própria forma escrita, incitava a se criar a necessidade de instrução escolar, do aprender a ler e escrever [...] (PINHEIRO, 2009)

O jornal percebia que a mulher também deveria fazer parte dos avanços sociais, que a partir de sua emancipação, elas poderiam contribuir de forma atuante para o progresso.

Figura 3: Trecho do jornal *O Íris: periódico bi-mensal dedicado ao sexo feminino*

Firme em seu programma defenderá com todo poder de que dispõe a emancipação da mulher como idéa reformadora e nobilitadora da sociedade.

Não fraqueará; está firme em seu posto e tem como devise não—recuar.

E' mais um archôte que illumina a escura noite de nossa sociedade, até que trate o dia da emancipação, a aurora almejada, em que a mulher de lança em riste se apresente na lide da humanidade.

O *Iris* tem hoje um programma mais vasto, isto é, alargou sua orbita para se tornar mais interessante.

Assim esperamos encontrar apoio em todos aquelles que amão o progresso de sua patria.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Os discursos sobre a instrução feminina começam a ganhar força e a se movimentarem através dos impresos no ano de 1876, ainda muito timidamente, comparado com o grande e vasto campo que é a imprensa norte-rio-grandense, mas é o início do processo que é repleto de avanços e retrocessos para a educação feminina.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendo que o caminho para investigar a historiografia da educação feminina, é um processo árduo e minucioso que necessita de tempo e muita disposição para investigar o que está dito e o não dito por meio das representações que são expostas através dos jornais oitocentistas, este trabalho é um breve trecho, que está sendo visitado, durante o processo de outras investigações na área.

Esta pesquisa me possibilitou a oportunidade de identificar um outro olhar sobre as práticas sociais e educativas das mulheres oitocentistas, perceber quais mudanças sociais e políticas o país, em especial, ao estado do Rio Grande do Norte, estava passando nesse período, e de compreender a importância da educação das mulheres para que os avanços ocorressem de fato.

Seguimos a partir deste trabalho, no caminho de novos percursos que nos ajudem a identificar os espaços em que as mulheres do século XIX, caminhavam e de como suas lutas foram essenciais para os caminhos que trilhamos nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 2002

MORAIS, Arisnete Câmara de. **Leituras femininas no século XIX: (1850-1900)**. Campinas – SP. 1996.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru – SP: EDUSC, 2005.

____. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 7ª Ed. - São Paulo; Contexto, 2004.

____. **Histórias da gente brasileira; Vol. 2 Império**. São Paulo: LeYa, 2016.